

**NOTAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DAS ESPACIALIDADES
POÉTICAS EM “AS MARGENS DA ALEGRIA” E “OS CIMOS”,
DE JOÃO GUIMARÃES ROSA**

**NOTES ON THE CONSTRUCTION OF POETIC SPATIALITIES IN
“AS MARGENS DA ALEGRIA” AND “OS CIMOS”, BY JOÃO
GUIMARÃES ROSA**

Walace Rodrigues

Márcia Maria Soares de Souza Santos

RESUMO: Este presente artigo busca relatar o modo como João Guimarães Rosa trabalha o ambiente em que o homem vive, depende dele para existir e também coexistir. Para isso, valemo-nos de dois contos deste autor: “As margens da alegria” e “Os Cimos”, ambos os textos da coletânea “Primeiras estórias”. O menino, que faz parte dos dois contos, descobre que para uns serem felizes outros têm que ser extinguidos ou mudar de ambiente. O conto “As margens da alegria” revela-nos as observações do menino em meio a um ambiente em transformação exterior e interior. No conto “Os cimos”, Guimarães Rosa retoma o menino já aparentemente crescido e em um encontro com a natureza. Este trabalho tem cunho qualitativo e trata-se de uma pesquisa bibliográfica a partir de leituras realizadas. Temos como objetivo entender a construção dos contos acima citados a partir de suas paisagens poéticas. Observamos que Guimarães Rosa cria para si um “mecanismo espacial poético” próprio e que enriquece sobremaneira toda sua obra.

Palavras-chave: Literatura; Guimarães Rosa; Construção; Invenção; Espacialidades poéticas.

ABSTRACT: This paper seeks to report on how João Guimarães Rosa writes over the environment in which man live, depending on him to exist and also to coexist. For this, we used two short stories by this author: “As margens da alegria” and “Os Cimos”, both texts from the collection “First stories”. The boy, who is part of the two tales, discovers that for some to be happy, others have to be extinguished or change their environment. The story “As margens da alegria” reveals the boy's observations in the midst of a changing environment inside and out. In the short story “Os cimos”, Guimarães Rosa takes up the boy who was apparently grown up and in an encounter with nature. This work has a qualitative nature and is a bibliographic search based on readings. We aim to understand the construction of the stories mentioned above from their poetic landscapes.

97

We observe that Guimarães Rosa creates for himself a “poetic spatial mechanism” that enriches his entire work.

Keywords: Literature; Guimarães Rosa; Construction; Invention; Poetic spatialities.

Introdução

Nosso objetivo com este texto é pensar sobre as paisagens como elementos constitutivos na criação literária de João Guimarães Rosa. Isto a partir dos contos “As margens da alegria” e “Os cimos”, ambos publicados em “Primeiras estórias”, de 1962. O conto “As margens da alegria” abre o livro e o conto “Os cimos” encerra-o, revelando um claro ciclo de escrita com começo, desenvolvimento e fim.

A pesquisa para este artigo coloca-se como analítico-qualitativa e de cunho bibliográfico. Alguns autores utilizados neste texto são: Candido (1999), Cunha (2012), Rosa (2001), Melo (2006), Rónai (2001), Saddi (2011), entre outros pesquisadores relevantes para a nossa discussão sobre o tema proposto.

Julgamos que o tema de paisagens poéticas seja fundamental para pensar sobre o que chamamos aqui de “mecanismo espacial poético” próprio da construção literária de João Guimarães Rosa. Percebemos que há uma espacialidade poética própria nesses contos, pois as palavras criam imagens de espaços únicos, quase que oníricos, aproximando-nos do indizível.

As paisagens poéticas em “As margens da alegria” e “Os cimos”

João Guimarães Rosa nasceu na cidade de Cordisburgo, em Minas Gerais, em 27 de junho de 1908. Em 1918, ele mudou-se Belo Horizonte para viver com seus avós. Lembramos que o estado de Minas Gerais é um lugar rico em paisagens diversas e que sempre impactam seus visitantes.

Vale informar que Guimarães Rosa morou em vários lugares no Estado de Minas: Cordisburgo, Belo Horizonte, São João del-Rei, Itaúna, Barbacena, entre outros.

Acreditamos que esse conhecimento de vários lugares de seu estado natural (entre outras coisas visitas e estadias por lugares experienciadas mundo afora) propiciou a Guimarães Rosa um conhecimento de viajante que ele deixa-nos perceber nas descrições das paisagens em suas obras. Além disto, as viagens parecem ter sido uma fonte de inspiração para a riqueza escrita de Guimarães Rosa, pois ele navega poeticamente com muita desenvoltura pelas paisagens do interior do Brasil, deixando-nos perceber e imaginar lugares e espaços de maneira muito única.

Lembramos que Guimarães Rosa teve uma vida ligada aos livros e aos idiomas. Ele casou-se com Lígia Cabral Pena no mesmo ano que foi diplomado em medicina, em Belo Horizonte, em 1930. Em Itaguara, distrito de Itaúna (MG), começou a exercer sua profissão.

Rosa iniciou sua carreira diplomática em 1934, após passar em um concurso no Ministério do Interior (Itamaraty). Em 1936, recebeu seu primeiro prêmio, pela Academia Brasileira de Letras, pela coletânea de versos “Magma”, que marcou sua estreia literária.

Como uma pessoa que representou o Brasil no exterior, ele teve grandes oportunidades e soube aproveitá-las. Além do conhecimento de outras culturas, Guimarães Rosa se apropriou de outras línguas, separou-se de sua primeira esposa e casou-se novamente, com Aracy Moebius de Carvalho, em Baden-Baden. Aracy ficou conhecida como o “Anjo de Hamburgo”, por ter dado vistos a judeus que desejavam vir para o Brasil durante a segunda guerra mundial. Conforme aponta Ivani Pereira (2014, p. 17):

Continuou a carreira diplomática internacional como primeiro-secretário e conselheiro na embaixada em Paris, na França de (1948-1951). Em Paris, atuou como também secretário da delegação do Brasil à IV Sessão da conferência Geral da UNESCO (1949). Novamente, retomou ao Brasil e assumiu o cargo de chefe de gabinete de ministro João Neves da Fontoura, em 1951, mais uma vez. Realizou uma viagem por Minas Gerais, acompanhado por um grupo de vaqueiros, liderado por Manuel Nardy, o Manuelzão, pelo sertão Mineiro.

Como mostra a citação anterior, a vida de Guimarães Rosa estava diretamente ligada às viagens. Os lugares mais diferentes pareciam deixar nele impressões particulares e que ele acabou por utilizar em suas obras literárias.

Em 1967, a última obra de Guimarães Rosa publicada em vida foi “Tutaméia (Terceiras estórias)”. Neste ano ele entrou para Academia Brasileira de Letras e em 19 de novembro faleceu, por um ataque cardíaco, aos 58 anos. Ele tinha sido indicado ao prêmio Nobel de Literatura.

Agora, falaremos um pouco dos contos propostos para pensar sobre as paisagens e espaços na obra roseana. No conto “As margens da alegria” o menino vai visitar uma cidade em construção (Brasília?) naquele momento. Os acontecimentos dessa estória se desenvolvem em meio a homens, natureza e animais daquele espaço de grande movimentação, onde as árvores são destruídas e os animais, quando não são mortos pelas máquinas, têm que procurar outros abrigos. A “civilização” toma conta daquele espaço. Dentro do conto podemos observar algumas situações que organizam os fatos. A viagem de avião, a chegada à casa, o primeiro encontro com o peru, o conhecimento do sítio e o retorno, com a descoberta de que o peru está morto. Fagundes (2003) revelamos as sensações variadas que nos atingem neste conto:

Cada um destes momentos da narrativa contém a combinação flutuante que conduz o Menino — e talvez nossos sentimentos ambivalentes com relação ao moderno que a “grande cidade” significa — através de contrários sentimentos, como alegria e tristeza, amor e ódio, calma e fúria, contemplação e repugnância. As cinco situações são ricas em sons, movimento, imagens e cor. (FAGUNDES, 2003, p. 81).

No viajar de avião e olhar a cidade de cima, o menino pode ver a construção da cidade e sua modernidade, lembrando que essa construção se dá pela visão do menino e que o mesmo é o protagonista das estórias por meio de suas impressões e imagens.

O avião era da companhia, especial, de quatro lugares. Respondiam-lhe a todas as perguntas, até o piloto conversou com ele. O voo ia ser pouco mais de duas horas. O menino fremia no acorçoo, alegre de se rir para si, confortavelzinho, com um jeito de folha a cair. A vida podia às vezes ralar numa verdade extraordinária. Mesmo o afivelarem-lhe o cinto de segurança virava forte afago, de proteção, e logo novo senso de esperança: ao não-

sabido, ao mais. Assim um crescer e desconter-se — certo como o ato de respirar — o de fugir para o espaço em branco. O menino. (ROSA, 2001, p. 50).

Chegando a seu destino, o menino, ao avistar o peru, fica admirado com a beleza do animal, demonstrando toda sua presunção, toda arrogância e, ao mesmo tempo, uma beleza exuberante. No entanto, os tios o chamaram para um passeio de jipe para o Sítio de Ipê. No caminho para esse sítio, ele pode notar a natureza sendo devastada pelo homem. Em suas palavras, ele vê: “a poeira, alvissareira”, “A malva do campo”, “os lentiscos”, “O velame branco”, “A cobra-verde, atravessando a estrada”, “A arnica: em candelabros pálidos”, e muitas outras novidades do passeio. Esse detalhamento acerca da paisagem e em sua descrição é um indício do que chamamos aqui de “mecanismo espacial poético”. Com tal mecanismo Guimarães Rosa compõe as obras em análise, descrevendo poeticamente (em prosa) a paisagem, como que para um cego.

Citamos, como exemplo deste “mecanismo espacial poético”, um trecho de “As margens da alegria”, quando o menino via o mundo de dentro do avião:

[...] as nuvens de amontoada amabilidade, o azul de só ar, aquela claridade à larga, o chão plano em visão cartográfica, repartido de roças e campos, o verde que se ia a amarelos e vermelhos e a pardo e a verde; e, além, baixa, a montanha. Se homens, meninos, cavalos e bois — assim insetos? (ROSA, 2001, p. 50).

O menino busca descrever cores, atmosferas, luzes, lugares etc como que descrevendo um animal nunca visto antes pelo homem. Há uma necessidade extrema de abarcar todo o ambiente espacial e seus objetos (animados ou não) para dar uma expressão a tal lugar.

A escritora, professora e artista plástica Maria Luiza Sabóia Saddi fala-nos do mecanismo de criação poética, algo que vemos nos contos aqui estudados e quando Guimarães Rosa cria imagens para descrever as paisagens. Ela nos diz:

Indagamo-nos se a persistência da poesia em nossa cultura - tão fortemente ancorada na lógica e no racional, no concreto e material-, não poderia ser pensada como um modo de manter a possibilidade de criação e autonomia para as linguagens, os pensamentos e as ações nas nossas vidas. Seria esta

persistência uma recusa não reativa, nem passiva à dominação, mas uma recusa ativa, através da criação de imagens e sentidos que escapam a normatização. (SADDI, 2011, p. 4011).

Ainda, a descrição do peru, ao retornar do passeio, revela-nos bem esse mecanismo narrativo acerca da natureza e de suas impressões nele:

Quando avistou o peru, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores da mata. O peru, imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração. Estalara a cauda, e se entufou, fazendo roda: o rapar das asas no chão brusco, rijo se proclamara. Grugulejou, sacudindo o abotoado grosso de bagas rubras; e a cabeça possuía laivos de um azul-claro, raro, de céu e sanhaços; e ele, completo, torneado, redondoso, todo em esferas e planos, com reflexos de verdes metais em azul-e-preto — o peru para sempre. Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento. Sua ríspida grandeza tonltriante. Sua colorida empáfia. Satisfazia os olhos, era de se tanger trombeta. Colérico, encachiado, andando, gruzlou outro gluglu. (ROSA, 2001, p. 51).

Podemos notar que Guimarães Rosa é “preciso” na descrição do peru e de seus atributos. Obviamente que o peru havia chamado a atenção do menino, mas a riqueza de detalhes e de impressões acerca do peru pode parecer excessiva, mas revela-nos uma perplexidade em contato com as novidades e uma excitação em conhecê-las.

A morte do peru desperta no menino ódio pelo homem e por suas práticas na construção da cidade moderna. Ainda, a morte do peru poderia significar, também, uma analogia de quantas vidas iram se perder para se adquirir a tal “modernidade” desejada.

É possível observar que esta estória é construída sob a perspectiva do olhar do menino. Podemos perceber que a historicidade está inserida no conto quando ele fala “um menino que viaja de um lugar para onde será construída a grande cidade”. A suposição que fazemos é que tal cidade seria Brasília. Aí vemos outra construção desta geografia poética, quando Guimarães Rosa (2001, p. 50) diz: “A grande cidade apenas começava a fazer-se, num semi-ermo, no chapa-dão: a mágica monotonia, os diluídos ares. O campo de pouso ficava a curta distância da casa — de madeira, sobre estações, quase penetrando na mata.”

Se em “As margens da alegria” as ações, eventos e espaços são narrados pelo menino, em “Os cimos” o mesmo menino aparece mais envelhecido e com sentimentos mais aflorados.

O conto “Os cimos” continua a ser narrado novamente sob o olhar do menino. Tal conto é o último de “Primeiras estórias”, fechando o livro. “Os cimos” tem uma boa relação com todos os outros contos, mas é com “As margens da alegria” que ele se identifica mais. Em “Os cimos” está presente, novamente, o menino num voo e, neste momento, muito fragilizado pela doença da mãe. Ele está com um sentimento de perda, de saudade.

Neste conto também vemos essa construção da imagem a partir de uma espacialidade poética específica. Um exemplo seria: “Mas no ar passavam peixes negros, decerto para lá daquelas nuvens: lombos e garras. O menino sofria sofreado. O avião então estivesse parado voando — e voltando para trás, mais, e ele junto com a mãe, do modo que nem soubera, antes, que o assim era possível” (ROSA, 2001, p. 226). Há, ainda, em “Os cimos”, uma necessidade de colocar em palavras o sofrimento do menino, mas parece-nos que algo fica no vazio, como um sofrimento particular, pessoal, de imagens próprias.

Observemos que nos dois contos Guimarães Rosa trabalha a questão da presença dos animais: um peru, um pássaro, um tucano, peixes etc. Percebemos em “Os cimos” que o menino anda com um macaquinho também sem mãe, representando, mais uma vez, a presença animal.

A estória se passa novamente em uma viagem que o menino faz com os tios e, novamente, de avião. Viagem esta que servira para distrai-lo, uma vez que ele se encontra num momento de fragilidade familiar: a doença de sua mãe. Nesta viagem, em vez do deslumbramento como no primeiro conto, ele mostra o seu sofrimento por achar que sua mãe morreria. Guimarães Rosa parece, em “Os cimos”, buscar imagens para o sofrimento por meio da escrita, chegando ao ponto de querer dizer o “indizível”.

Para Antônio Candido, João Guimarães Rosa foi um dos maiores escritores brasileiros. Candido retrata a contribuição de Guimarães Rosa para a nossa literatura, informando que ele instaura uma nova forma de criação de escrita, com uma linguagem artificialmente construída, porém perfeita, poética mesmo:

[...] uma narrativa fascinante, onde passa o sertão brasileiro com as suas figuras e a sua natureza áspera, **por meio de uma linguagem artificial e perfeita, onde as diversas camadas da língua se combinam segundo um critério rigoroso de invenção, de maneira a produzir um texto onde não se sabe se a realidade suscita o discurso, ou se o discurso institui uma realidade.** Com Guimarães Rosa o processo que estamos analisando na literatura brasileira chega a um ponto culminante, porque o assunto perde a soberania e parece produto da escrita, tornando caducas as discussões sobre os critérios nacionalistas tradicionais. Com efeito, ele parece dizer que a presença mimética da terra e do homem deve ser dissolvida na autonomia relativa do discurso para chegar à categoria de universalidade. A obra de Guimarães Rosa completa as de João Cabral e Clarice Lispector, no sentido de modificar a relação entre o tema e o discurso. Isto chegaria às consequências mais avançadas, embora não no mesmo nível de qualidade, com os movimentos de vanguarda que, a partir do fim dos anos de 1950, começaram a modificar essencialmente as obsessões tradicionais da literatura brasileira. (CANDIDO, 1999, p. 94-95, grifo nosso).

E é este mecanismo de criação das paisagens a partir desse rigoroso critério de invenção poética de espacialidades que chamamos aqui de “mecanismo espacial poético”. Tal mecanismo revela a inventividade e a criatividade do escritor em relação à criação de espaços (externos e internos) que somente poeticamente podemos compreender. Tentamos pensar como a criação de espacialidades na linguagem de Guimarães Rosa, a partir da criação de imagens poéticas, combinações e neologismos, determinam uma percepção única dos espaços descritos pelo autor.

Cria-se, portanto, nos leitores uma noção de espacialidade originalmente nova, mas baseada a partir de suas compreensões das coisas reais, porém transformadas de forma inusitada. Tal mecanismo dá força poética à ação da obra nos leitores (a obra efetivamente age em nós), reforçando espacialidades construídas pelo autor, mas que não podem ser tomadas como realidade palpável. Esse mecanismo funciona como uma invenção criativa do escritor e que funciona muito bem na obra escrita e junto à recepção dos leitores.

Tais espacialidades nas obras de Rosa dão a essência específica ao espaço descrito, fundando uma forma nova de perceber os lugares, as paisagens, as coisas, os sentimentos etc e oferecendo inovadores sentidos aos espaços, ampliando-os a partir da leitura das obras deste autor. Dessa forma, vemos esse “mecanismo espacial poético” como uma inovação criativa única nas obras de Guimarães Rosa.

Neste mesmo caminho, Paulo Rónai, em seu prólogo de 1966 para “Primeiras estórias” e falando acerca dos protagonistas em tal livro, diz-nos sobre a maneira poética com que Guimarães Rosa constrói o texto:

Neles a intuição e o devaneio substituem o raciocínio, as palavras ecoam mais fundo, os gestos e os atos mais simples se transubstanciam em símbolos. O que existe dilui-se, desintegra-se; o que não há toma forma e passa a agir. Essa vitória do irracional sobre o racional constitui-se em fonte permanente de poesia. (RÓNAI, 2001, p. 19).

Esse eco profundo, dado pela intuição e devaneios oferecidos ao leitor, acaba por ser também uma reflexo de construção dos textos roseanos, onde o “mecanismo espacial poético” revela-se como um pilar estimulante para a leitura das obras e a riqueza de imagens oferecida por suas leituras e fruição.

Por sua vez, Márcio Melo, em sua tese de doutorado intitulada “As faces do diabo na obra de João Guimarães Rosa”, onde ele busca revelar as facetas do maligno nas obras rosianas. Melo mostra-nos, também, através da forma narrativa de Riobaldo, personagem de “Grande sertões: veredas”, a maneira inusitada de descrição de espacialidades físicas e não-físicas (sentimentais, indizíveis) em tal obra:

Como narrador astucioso, Riobaldo seduz seu intérprete a uma viagem pelas terras de suas experiências, para tanto, vai aproximando seu contar às identificações do senhor cidadão, convidando-o a sentir as localidades, a visualizar e se relacionar com elas, para isso, se utiliza de verbos que trarão esse sertão/mundo para perto dele: “já ouviu o senhor”; “Quando o senhor sonhar”; “o senhor vai”; “Senhor caça?”. Além da insistência em repetir esse nome/substantivo “senhor”, se nota ainda que — com essas interferências logo no início da narrativa — **o caminho do viajante se abre para além do espaço físico, quando lhe propõe “mostrar” as coisas da natureza e os sentimentos humanos**, trazendo até ele uma vivência diferenciada, que ao

outro o narrador protagonista tentará efetivar através da linguagem do *indizível* (MELO, 2006, p. 212, grifo nosso).

A citação anterior revela que “o caminho do viajante se abre para além do espaço físico”, e é neste “além do espaço físico” que o “mecanismo espacial poético” revela sua força imagética e criativa.

Ainda, a professora Betina Cunha mostra-nos um Guimarães Rosa que lida com a construção narrativa dos contos em “Primeiras estórias” da mesma forma que um mito lidaria, fundando formas de conceber o mundo a partir de dimensões espaçotemporais indefinidas:

[...] falar de mito é falar de conto; ambos subvertem as teorias que os definem, exibindo uma viva correlação que, em Guimarães Rosa, especialmente em *Primeiras estórias*, torna-se exemplo de uma narrativa intemporal e pluridimensional, cujas fronteiras ultrapassam os limites claros da racionalidade para situarem-se em sutis espaços da imaginação simbólica. (CUNHA, 2012, p. 46).

A pluridimensionalidade e esse ultrapassar das fronteiras da racionalidade, como revelados por Cunha, pensamos serem elementos do “mecanismo espacial poético” utilizado por Rosa e que acabam por construir “sutis espaços da imaginação simbólica”.

Waldevira Bueno vai pelo mesmo caminho que buscamos revelar neste texto, de que Guimarães Rosa, nos contos escolhidos de “Primeiras estórias”, constrói uma espacialidade poética que não é só geográfica no sentido físico, mas também interior:

O espaço rural do norte de Minas Gerais tão bem caracterizado em *Sagarana* (1946) e *Grande sertão: Veredas* (1956) parece diluir em *Primeiras estórias* (1962), ficando como que difuso. Nas duas primeiras obras citadas, Guimarães Rosa constrói universos elaborados, seja do ponto de vista da linguagem, como da problemática situada no espaço rural. A partir de *Primeiras estórias* esses elementos diminuem chegando mesmo a haver contos em que o enredo se dá no espaço urbano, como em “Durandina”. A preocupação maior do autor parece ser mesmo a elaboração da linguagem. (BUENO, 2018, s/p).

Neste mesmo caminho, podemos perceber uma preocupação em revelar os espaços físicos e interiores onde o menino está envolvido, como neste trecho de “Os cimos”:

E, com pouco, **o menino espiava**, da janelinha, as nuvens de branco esgarçamento, **o veloz nada**. Entretempo, se atrasava numa saudade, fiel às coisas de lá. Do tucano e do amanhecer, mas também de tudo, naqueles dias tão piores: a casa, a gente, a mata, o jipe, a poeira, **as ofegantes noites** — o que se afinava, agora, no quase-azul de seu imaginar. **A vida, mesmo, nunca parava**. (ROSA, 2001, p. 232-233, grifo nosso).

É inegável a força poética destes contos e o mecanismo de criação sutil de construção das imagens espaciais (exteriores e interiores), “segundo um critério rigoroso de invenção”, como nos disse Candido. Guimarães Rosa vai construindo uma espacialidade própria a partir de uma utilização particular e pessoal da linguagem. Esse uso da linguagem em Guimarães Rosa nos leva a pensar que a linguagem “já é criação de mundos”, como nos revela Maria Luiza Saddi:

A linguagem, a nossa mais cara invenção, indispensável e bela, mas nunca estática e absoluta, mas, sempre fluida, sempre múltipla e viva como pássaros em voo. Como se poderia almejar mais? Os problemas surgem quando a encaramos como apreensão ou revelação do mundo e esquecemos que ela mesma já é mundo, já é criação de mundos. (SADDI, 2011, p. 4010, negrito nosso).

Vale informar que aqui buscamos entender os contos “As margens da alegria” e “Os Cimos” a partir daquilo que também pensa Vera Mayrinck Melo em seu texto “Paisagem e simbolismo”, afirmando que: “No enfoque da geografia humanista, todo ambiente que envolve o homem, seja físico, social ou imaginário, influencia sua conduta” (MELO, 2001, p. 33).

Considerações finais

Neste artigo busamos levantar uma discussão em torno das diferentes espacialidades poéticas encontradas nos contos “As margens da alegria” e “Os cimos”, de João Guimarães Rosa. Chamamos tal ferramenta de criação literária de “mecanismo espacial poético”, próprio dos contos analisados. Esse mecanismo revelou-se como importante elemento compositivo de criação imagética e sensível nas obras de Rosa, influenciando leitores e instigando-os a compreenderem os sutis espaços simbólicos criados pelo autor para instigar nossa imaginação e emoções.

Tal análise nos possibilitou novas reflexões acerca dos fazeres poéticos desse importante autor das artes literárias brasileiras. Com o intuito fundamental de promover o pensamento acerca de um mecanismo espacial poético próprio de Guimarães Rosa e tendo em vista a compreensão de seu ato produtivo.

Comprendemos que João Guimarães Rosa busca desenvolver uma poética a partir das múltiplas possibilidades oferecidas pelas espacialidades e suas inter-relações com os mais variados elementos naturais e sobrenaturais, criando imagens inusitadas a partir da invenção de uma linguagem poética pessoal.

Finalizando, percebemos, num pensar breve sobre os usos da literatura roseana nas escolas, a importância da compreensão dos professores de Língua Portuguesa em instigarem seus estudantes a lerem os livros deste riquíssimo escritor. Vemos que “os professores necessitam conhecer os temas concernentes ao currículo de suas áreas de atuação e os sentidos expressos por sua orientação ideológica” (cf; RODRIGUES, 2017, p. 225), revelando não somente as riquezas simbólicas e imagéticas oferecidas pelas obras literárias, mas também como elas são construídas e quais sentidos elas buscam dar à formação deste país, das pessoas e das coisas que nos cercam, sejam elas exteriores ou interiores.

Referências

BUENO, Waldevira. **Primeiras Estórias – Guimarães Rosa**. De 3 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://lendoentendendo.wordpress.com/2018/01/03/primeiras-estorias-guimaraes-rosa/> Acesso em: 28 abr. 2020.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à Literatura Brasileira** (Resumo para principiantes). São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, julho 1999.

CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da. Um tempo mítico em Guimarães Rosa. **MACABÉA** – Revista eletrônica do NETLLI. V.1., N.1., JUN. 2012, pág. 44-54. Disponível em: <file:///C:/Users/walace/Downloads/322-1050-1-PB.pdf> Acesso em 27 abr. 2020.

FAGUNDES, Lontra Flávio Bruno. Palavra e ilustração, texto e livre: a contemporaneidade de Guimarães Rosa. **Ipotesi**. Juiz de Fora, v.7 n.2. p. 79-94, jul/dez-2003.

MELO, Márcio Araújo de. **As Faces e facetas do Diabo na Obra de João Guimarães Rosa**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos literários da Faculdade de Letras da Universidade de Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 238, junho de 2006.

MELO, Vera Mayrinch. Paisagem e simbolismo. IN: **Paisagem, imaginário e espaço**. Organizadores, Zeny Eosendahl, Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

PEREIRA, Ivani Maria. **Os Bestiários de Guimarães Rosa em AVE, Palavra**. Dissertação (mestrado em teoria Literária) – instituto de Letras da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, p. 117. 2014.

RODRIGUES, Wallace. Reflexões sobre o III Fórum de Licenciatura da UFT: o currículo como campo de batalhas ideológicas. **Revista EntreLetras** (Araguaína), 7(2), 221–131, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/2996> Acesso em: 20 set. 2022.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

RÓNAI, Paulo. Os vastos espaços. Sítio Póis é (Nova Friburgo), fevereiro de 1966. IN: **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, pág. 14-47

SADDI, Maria Luiza Saboia. Os desenhos no céu: sonho e poesia. IN: **Anais do 20º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes (ANPAP)**. 2011, Rio de Janeiro, pág. 4000 a 4012.